

A ESCRITA DE SI POR MEIO DA METODOLOGIA DE CARTAS (AUTO)BIOGRÁFICAS

Felipe da Costa Negrão ¹
Amarildo Menezes Gonzaga ²

RESUMO

A escrita (auto)biográfica oportuniza o encontro consigo mesmo, num diálogo entre-tempos, em que o sujeito assume a condição de autor-ator da própria história. Nesse artigo, descrevemos a experiência com a metodologia de cartas (auto)biográficas no âmbito da formação doutoral, explicitando como a escrita de si pode ser libertadora, sobretudo das ‘amarras’ científicas de vieses positivistas que nos são imputados desde cedo na universidade. Os procedimentos metodológicos fundamentam-se na Pesquisa Narrativa, de modo que apresentamos elementos teóricos do uso das cartas (auto)biográficas na pesquisa em/com formação de professores, além da narrativa da experiência do contar de si na disciplina “Dimensões Paradigmáticas de Pesquisa e suas Tendências Investigativas no Ensino” do Programa de Pós-graduação em Ensino Tecnológico (PPGET) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM). Os resultados revelam que o exercício de escrita (auto)biográfica nos (e)leva ao lugar de autoria, visto que ao revisitar episódios significativos de nossa vida-trajetória, atribuímos novos sentidos e novas aprendizagens – formamo-nos.

Palavras-chave: Pesquisa Narrativa, Formação de Professores, Cartas (auto)biográficas.

INTRODUÇÃO

O movimento de biografização na pesquisa em/com formação de professores tem investido na problematização do docente em sua “condição histórica de estar no mundo e como agente de seu [próprio] fazer” (GONZAGA; PONCIANO, 2022, p. 9), através da compreensão da experiência enquanto fonte de recolha de (guar)dados, evidenciando que a história de vida do professor emana possibilidades formativas e/ou (auto)formativas.

Além da formação e (auto)formação, as narrativas (auto)biográficas reverberam como meios efetivos de investigação científica e produção do conhecimento, visto que:

La investigación narrativa se utiliza cada vez más en estudios sobre la experiencia educativa. Tiene una larga historia intelectual tanto dentro como fuera de La

¹ Mestre em Educação em Ciências na Amazônia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Doutorando em Ensino Tecnológico (IFAM). Professor do Departamento de Métodos e Técnicas da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: felipenegrao@ufam.edu.br

² Doutor em Educação: Desenvolvimento Curricular pela Universidad de Valladolid (UVA). Professor do Programa de Pós-graduação em Ensino Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM). E-mail: amarildo.gonzaga@yahoo.com.br.

educación. La razón principal para El uso de La narrativa em La investigación educativa es que los seres humanos somos organismos contadores de historias, organismos que, individual y socialmente vivimos vidas relatadas (CONNELLY; CLANDININ, 1995, p. 11).

Nesse sentido, a biografização traz significado a experiência, emergindo como uma hermenêutica prática, em que os comportamentos/ações singulares permitem que um indivíduo reconheça a si mesmo, e se faça reconhecido pelos outros também (DELORY-MOMBERGER, 2016). Para efetivar essa prática, evoca-se o exercício de narrar a própria história, visto que no percurso de atribuir sentido(s) ao vivido/experenciado, o sujeito se torna capaz de reinventar-se (PASSEGGI, 2011, p. 148).

O pensamento narrativo é a experiência materializada na linguagem, uma forma de entender as experiências que contamos, recontamos e revivemos, evidenciando a tridimensionalidade tempo/espaco/interação. Para essa análise, a narrativa é perspectivada na relação, é um construto relacional das experiências cotidianas das pessoas, perspectivada na prática que a pessoa desenvolve com o outro, com as instituições, e essa consideração do relacional manifestada na narrativa é o cerne para uma narrativa que vislumbra construir um sentido das experiências no processo de formação e de aprendizado, contribuindo para a construção do ser humano (GONZAGA; PONCIANO, 2022, p. 12).

A constituição do ser humano, ou especificamente, do ser professor é contínua, ao ponto de que as incertezas, dúvidas e inquietações advindas do exercício de contar de si são naturais, especialmente, porque não temos o hábito de ouvir a nós mesmos (NEGRÃO, 2022). O diálogo introspectivo é cerceado por uma agenda extensa de compromissos inadiáveis que nos leva ao lugar de reprodução do comum, nos impedindo de renegociar e reinventar a própria identidade por meio da biografização (CARVALHO, 2003).

O exercício de contar de si na atividade docente pode ser feito por intermédio de diferentes gêneros da Pesquisa Narrativa, dentre os mais comuns, citamos os diários de aula, memoriais de formação, ateliês biográficos, entrevistas narrativas e as cartas (auto)biográficas (SOUZA; CABRAL, 2015). Neste artigo, evocamos a carta (auto)biográfica como condição *sine qua non* para que o docente experimente a autoria e imprima nela sua marca, reconhecendo e valorizando seu estilo de escrita (FEITOSA JÚNIOR; GONZAGA, 2019).

Dado o cenário investigativo, ancoramos nossos escritos na Pesquisa Narrativa, dando ênfase na dimensão subjetiva do sujeito e compreendendo que emitimos sentido(s) ao serviço professoral em diferentes espaços, contextos e tempos (BOLIVAR; DOMINGO; FERNANDEZ, 2001). Sendo assim, o objetivo deste artigo é descrever a experiência com a metodologia de cartas (auto)biográficas no doutorado em Ensino Tecnológico, explicitando como a escrita de si pode ser libertadora e potencializadora de novas aprendizagens.

Metodologicamente, o artigo traz uma breve revisão de literatura sobre o uso das cartas (auto)biográficas na pesquisa em/com formação de professores, somadas a experiência do contar de si na disciplina “Dimensões Paradigmáticas de Pesquisa e suas Tendências Investigativas no Ensino” ofertada pelo Programa de Pós-graduação em Ensino Tecnológico (PPGET) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM).

O texto justifica-se por enxertar novas reflexões sobre o uso das cartas (auto)biográficas na pesquisa em/com formação de professores, possibilitando desdobramentos formativos para o uso desta metodologia em diferentes propostas de trabalho, inclusive na sala de aula – da educação básica até o ensino superior, perpetuando o debate sobre a escrita de si, a valorização das experiências de vida e a própria Pesquisa Narrativa.

CARTAS (AUTO)BIOGRÁFICAS NA PESQUISA EM/COM FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A escrita de cartas habita um lugar emotivo em nossas memórias de vida-trajetória, especialmente se já vivenciamos situações de troca de escritos entre pares, amigos e amores. A ideia de carta resguarda intensos sentimentos, sobretudo aqueles mais ocultos que por intermédio das palavras traçadas em papel ou mesmo digitadas com o advento do computador, revelam pedaços de nós, com nosso consentimento para outro(s).

Um dos elementos que nos chama atenção para adoção da metodologia de cartas no âmbito da Pesquisa Narrativa, diz respeito ao caráter de personalidade atribuído no contar de si para o outro, ou seja, a relação entre remetente e destinatário é cruzada por diferentes situações comunicativas, resididas em diálogos que revelam experiências específicas de cada sujeito, evidenciando um enlace entre quem lê e quem escreve (VIEIRA; BRAGANÇA, 2020).

O processo de autobiografização com cartas não é um mo(vi)mento solitário, visto que o contar de si envolve uma pluralidade de sentimentos, vivências e experiências (VIEIRA; BRAGANÇA, 2020). Ao debruçarmo-nos na composição de uma carta, acessamos memórias, trajetórias, episódios formativos vividos com outros, desvelando uma polifonia de vozes que nos brindam com a excelência da constituição de si – um si de muitos e um si consigo.

Em termos do fazer científico, nos apegamos fortemente a Nóvoa (2015) quando nos aconselha acerca da necessidade de ousarmos na academia, principalmente porque não há conhecimento sem coragem. E, portanto, o ato de assumir riscos é convidativo para o desenvolvimento de novas aprendizagens ou aprendizagens mais interessantes, reiterando que não há descoberta sem transgressão, nem ciência sem criação. Posto isso, temos na carta

(auto)biográfica a oportunidade de dialogarmos conosco por intermédio do diálogo com o destinatário (NÓVOA, 2015).

Pensar a escrita de cartas (auto)biográficas no âmbito da formação de professores, retoma esse cenário autoral pautado em nossas experiências de infância e/ou juventude, mas com novas lentes teóricas, dialogando entretempos e buscando sentido(s) em nossos percursos professorais. A inserção da escrita de si com professores em formação inicial ou continuada é um exercício de constituição de si mesmo, além de figurar como um incentivo a condição de autor-ator da própria história.

As cartas (auto)biográficas na pesquisa em/com formação podem ser concebidas como fontes de pesquisa, mas também como instrumento de diálogo entre as experiências dos diferentes e divergentes cotidianos escolares e acadêmicos, reverberando e remontando cenários históricos, políticos e sociais da profissão docente (VIEIRA; BRAGANÇA, 2020). Além disso, ao gerenciar os escritos de uma carta (auto)biográfica em contextos formativos, estamos criando mecanismos de resistência à uma tendência que tende a silenciar os professores, colocando-os para a margem das discussões educacionais (GOODSON, 2015).

O uso das cartas (auto)biográficas como instrumento metodológico emerge na validação do registro das práticas experienciais dos professores em formação, em que por vezes, se afugentam da escrita, pois encontram uma série de barreiras e obstáculos oriundos de um ‘saber-fazer’ técnico-científico que mais distancia do que aproxima o futuro docente do ambiente investigativo. Ponderamos que a escrita das próprias experiências por meio das cartas não se restringem ao ato metódico de descrição das ações vividas, mas acima de tudo, de revisitar memórias, resignificando-as, assumindo novas identidades professorais e autoformando-se (FEITOSA JÚNIOR; GONZAGA, 2019).

Ao retomar nossas experiências pela escritura de cartas, exercitamos o movimento de ida ao encontro das próprias memórias, cascavilhando episódios significativos que nos impactaram ao longo da vida. De posse desses registros, paramos para ouvir os sentimentos que acompanham tais memórias. Em quê essa experiência pode contribuir na constituição do meu si professor? Nos perguntamos esta e outras questões. Problematizar é, portanto, a base para assegurar a validação científica da escrita (auto)biográfica, pois é se questionando que os professores em formação são capazes de “compreender a historicidade de suas aprendizagens, realizadas e por se realizar, ao longo da vida, em todas as circunstâncias, e de produzir teorias e conhecimentos sobre seus modos de fazer, de ser e de aprender” (PASSEGGI, 2016, p. 75).

A problematização sobre o vivido expresso nas cartas (auto)biográficas denota a reflexão sobre si mesmo, amplamente ancorada no movimento de formação e (auto)formação,

corroborando ao conceito de laboratórios de compreensão definido por Josso (2007), ao referir-se a condição do docente quando se percebe parte de um mundo móvel, não-dominado, contudo, parcialmente dominável no que se refere as suas individualidades, refutando a ideia de “identidade adquirida”, em defesa de uma existência inconclusa, sempre em construção (AMARAL; PEREIRA; FALCÃO, 2020).

Ao escrever uma carta (auto)biográfica nos dirigimos ao encontro de si mesmo, evidenciando turbulências no caminho formativo que não ocorrem de maneira branda e linear, pelo contrário, são fruto de lutas, investigações, de identificação de lacunas e da maturidade de esvaziar-se de tantos saberes, para preencher-se de novos conhecimentos e ideias (OLIVEIRA; COSTA; GONZAGA, 2021).

Posto isso, chamamos a atenção para o fator tempo, visto que “a experiência é cada vez mais rara [...] Tudo o que se passa, passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa” (LARROSA, 2014, p. 22). Ora, como evocar memórias de episódios formativos sem o necessário tempo de reflexão sobre o vivido? Como vencer as amarras do imediatismo e das desventuras expostas por atos fugazes, instantâneos e que logo são substituídos por outros igualmente velozes?

Souza (2016, p. 25) corrobora ao dizer que:

estar atento pode ser estar pronto para compreender o devir e a intensidade ao mesmo tempo. É, por um instante, ser capaz de afetar-se. Sendo o nosso tempo baseado na aceleração da vida através de seus supostos projetos produtivos, faz-se necessário encontrar uma poética que nos permita alcançar um outro tempo, aquele que descoberto e desvendado por nossa vivência, consiga atingir um pensamento em torno da delicadeza, da sensibilidade e da dignidade de viver.

Nesse sentido, esta discussão nos (e)leva ao lugar de reconhecimento da escrita de si enquanto ferramenta de libertação, formação e (auto)formação, contudo reforçamos que não se trata de uma escrita da própria história sem o compromisso com a reflexividade. Ou seja, narrar por narrar não é fazer Ciência, e isso precisa ser dito, especialmente para fortalecimento da área da Pesquisa Narrativa – amplamente criticada por alguns estudiosos de outras correntes.

Para a devida consolidação da experiência formativa através da escrita de cartas (auto)biográficas, cabe ao docente a estruturação de um diálogo de qualidade consigo e com os outros, reverenciado e chancelado pelo tempo, visto que “o professor produz um conhecimento sobre si, sobre os outros e sobre as suas vivências cotidianas, apresentando sua forma de lecionar, de ser e de interagir com os outros, pelas teias da sua subjetividade e de sua sociabilidade” (CORRÊA; FERREIRA; LIECHOCKI, 2020, p. 14).

O EXERCÍCIO DE CONTAR DE SI POR MEIO DE CARTAS NA PÓS-GRADUAÇÃO

A escrita narrativa, especificamente a adoção da primeira pessoa, assumindo o caráter singular do sujeito que escreve na composição de um texto acadêmico-científico é fortemente negada no processo formativo do professor. Inclusive, na universidade é muito comum a recomendação da impessoalidade, justificada pela neutralidade do pesquisador frente ao seu objeto de pesquisa – a própria concepção de objetificação de pessoas no campo das Ciências Humanas é um gargalo que nos inspira a constituição de um movimento científico transgressor apoiado na Pesquisa Narrativa.

Na pós-graduação *stricto sensu* não é diferente. Forma-se ou *formata-se* o mestre e o doutor para a reprodução de mecanismos de coleta de dados aliançado num ciclo instrumental, cuja composição da dissertação ou tese se apresenta a partir de uma introdução, seguida por capítulo teórico, metodológico e os devidos resultados se aproximam do leitor apenas no final do documento. Esta lógica é enraizada, sabemos disso, mas em nossas perspectivas e frentes de estudo demarcamos a defesa por uma escrita narrativa que ultrapasse as “fronteiras” da mera produção científica em larga escala “(de)limitada por atividades obrigatórias” (BRAGANÇA; MORAIS; ALVARENGA; OLIVEIRA, 2020, p. 332).

Nóvoa (2015) nos alerta sobre o ato criativo que se materializa, ou deveria se materializar na escrita dos textos científicos, visto que estes estão carregados de expressão pessoal, cujo modo de apresentação dos (guar)dados define a identidade própria do investigador/pesquisador. Assumir a condição criativa é um grande desafio, principalmente pela experiência formativa no âmbito da graduação, em que somos levados a reprodução dos autores da área com a justificativa de que ainda nos falta muito para poder afirmar algo em uma produção científica. Vale ressaltar que a fala anterior não se trata de negar a importância das referências bibliográficas, mas de não assumir a condição de refém desses autores, terceirizando a própria voz em detrimento desta lógica do fazer científico.

Com a Pesquisa Narrativa, buscamos devolver o protagonismo ao sujeito que conta, reconta e aponta suas experiências formativas, seja este o próprio pesquisador ou o colaborador do estudo.

Tecer uma narrativa, a partir do que lhe toca, lhe faz brilhar os olhos, lhe contagia a alma, o corpo e o coração, consiste em uma das mais incríveis aventuras que o ser humano pode viver e fazer, trata-se mesmo de uma dimensão fundamental do processo civilizatório e com o qual o sujeito se vê implicado como uma necessidade de dizer algo de si, do que vive e/ou experiencia em seus múltiplos contextos formativos pelos quais transita ou estabelece relações (BRAGANÇA; MORAIS; ALVARENGA; OLIVEIRA, 2020, p. 333).

De fato, a escrita de si é uma aventura, especificamente pelo conjunto de sentimentos que são orquestrados pelo autor-ator quando materializa suas vivências, experiências e sentimentos através da Pesquisa Narrativa.

No curso de doutorado ofertado pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico (PPGET) do IFAM, fomos atravessado, na condição de aluno e professor, pela disciplina “Dimensões Paradigmáticas de Pesquisa e suas Tendências Investigativas no Ensino”, cujo objetivo esteve centrado no *exercício dialógico* por meio do reconhecimento da diversidade do perfil da turma, dado o programa ser profissional e multidisciplinar, além do *exercício reflexivo* através da metanarrativa, cuja metodologia ancorou-se no registro em cartas (auto)biográficas, em que os professores em formação continuada, deveriam se compreender enquanto professores pesquisadores.

Por meio da aliança entre vivências, experiências e sentimentos, fomos conduzidos a composição de quatro cartas, todas ambientadas em questões norteadoras gerenciadas pelo docente durante as aulas da disciplina.

A **carta de si** nos (e)levou ao encontro de nossos referenciais identitários, revisitando nossas impressões acerca das dimensões paradigmáticas: ontológica, teórico-epistemológica e metodológica (SANDIN-ESTEBAN, 2003). No exercício do contar de si atravessado pela própria história com a docência, identificamos episódios formativos que nos auxiliaram a conceber nosso conceito de professor-pesquisador.

Olá, amigo/a destinatário/a

*Não saber para quem escrevo tem um conforto desconfortável... Confortável por não enviar o narrado... contar o que eu acho que seria interessante para o meu destinatário... sempre com a lente da validação... **procurando o sim sobre si no outro.** E ao mesmo tempo, torna-se desconfortável quando sem saber quem estará do outro lado, teço narrativas pessoais que hoje dialogam só comigo, mas que amanhã ganharão vida em outra vida (ou não). (Fragmento da carta de si, 2022).*

A não consciência imediata de quem seria o nosso destinatário foi um movimento interessante de se pensar, posto que dentro da escrita (auto)biográfica também somos levados a reflexão sobre a autocensura, ou seja, a determinação autônoma acerca do que contar, especialmente quando não sabemos quem terá acesso ao contado de nossas memórias, experiências e sentimentos.

*A narrativa dessa carta encontra luz na concepção de professor-pesquisador. Mas, me perguntava até ontem, se já encontrei luz nessa discussão mesmo. Preciso te confessar que ao longo dessas duas semanas, muitas concepções por tanto tempo consolidadas, foram **estremecidas**. E hoje, me sinto mais preparado para pensar sobre isso, pois as duras reflexões, engessaram um pouco o meu contar... Foi necessário um in(tenso) exercício de reflexão sobre o lido, o ouvido e o experienciado*

para então tomar coragem de tecer minhas memórias a partir de um resgate das experiências, vivências e sentimentos que me fazem ser quem sou – hoje (Fragmento da carta de si, 2022).

Uma das contribuições da escrita da carta (auto)biográfica foi o amadurecimento da consciência da identidade professoral mutável, visto que por tanto tempo adestramos nossas concepções quanto a uma identidade única de professores-pesquisadores. Ao longo da disciplina, motivado pelos textos, discussões e inferências conduzidas pelo professor, me vi assumindo a posição de juiz dos meus próprios conceitos, colocando-os em xeque, pensando sobre o próprio pensamento, refletindo no porquê me compreendo A, B ou C.

Com a experiência da docência universitária, começo a perceber que a constituição do professor-pesquisador se dar ao [querer] ser professor-pesquisador... pois, é no contato com a dinâmica da sala de aula e dos desafios impostos pelo cenário de aprendizagem que nos compomos como seres inconclusos... incompletos... carentes de novos conhecimentos para se autovalidar... E aí é que reside o confronto interno... a consciência do inacabado é boa, mas no início incomoda não saber... (Fragmento da carta de si, 2022).

Ao olhar para os próprios pensamentos sobre a imagem do professor-pesquisador, identifico na minha própria história, o momento em que recobro a consciência da incompletude e de que a constituição do sentir-se professor-pesquisador é dinâmica, plural e ampliada a cada nova experiência professoral.

A segunda produção da disciplina tratava-se de uma **carta resposta**. Ou seja, de posse da certeza de quem era o destinatário, somos conduzidos a exercitar a escrita (auto)biográfica novamente, mas agora olhando o narrado pelo outro. O ato de acessar as experiências do outro através da troca de cartas tornou-se marcante, especificamente pela oportunidade de aprender com outras lentes sobre o mesmo conceito – o de professor-pesquisador.

*Me apego a sua carta e busco nela me (auto)formar... sob tuas lentes tento ver o mundo e criar meios de dar continuidade no diálogo sobre si, sobre a vida e sobre a ideia de professor-pesquisador. Entre idas e vindas posso identificar algo em comum... o **caminhar**... Não reside nessas duas palavrinhas a ausência de movimento... Ao ir... caminho... Ao voltar... também caminho... e **nesse caminhar me formo... me reformo... me transformo**. (Fragmento da carta-resposta, 2022).*

A leitura e reflexão da carta do outro nos permitiu desenvolver a (auto)formação, desde que abertos a criação de mecanismos de aprendizagem a partir do contado pelo outro. Na experiência de ler a carta da parceira de orientação, elejo o ‘caminho’ como ponto em comum em nossas histórias, parafraseando Chico César (2008) que nos brinda com a consciência da importância da experiência ao cantar que “caminho se conhece andando, então vez em quando é bom se perder. Perdido fica perguntando, vai só procurando e acha sem saber”.

O caminhar é movimento, ação, reflexão, saber, fazer, experienciar. Ao caminhar dou passos em direção a algum lugar. E nessa trilha reside a formação, reformação e transformação. Ao exercício de ler o narrado pelo outro, atribuo a aprendizagem de construir saberes através da experiência contada.

*Os episódios contados na sua carta me remetem ao processo (auto)formativo sob as lentes do outro, visto que **ao acessar sua história com sua anuência, pude tecer olhares para a minha própria vida-trajetória**, identificando similaridades e divergências, mas sobretudo a certeza de que a escrita de si é instrumento de empoderamento a partir do olhar retrospectivo e do convite a reflexão por intermédio de referenciais coletivos que dialogam com nossas experiências. Por isso, posso dizer que após a leitura da sua carta, estou mais forte! (Fragmento da carta-resposta, 2022).*

O fragmento exposto anteriormente vai ao encontro da atividade formativa que correspondia na elaboração de carta-resposta a partir de nossas impressões e no reconhecimento na escrita e no ponto de vista do outro, cuja base teórica centrava-se na constituição do sentir-se professor-pesquisador. No destaque acima, reforço a anuência dada pelo remetente, convidando-me a compreendê-lo sob suas lentes, mas permitindo que minhas inferências somem-se aos seus próprios saberes e consciência identitária.

O terceiro episódio centrou-se na **carta de si/do outro para os outros**, trazendo o terceiro incluído ao processo formativo. Nesta etapa, fomos agrupados e movidos a interação com outra dupla de doutorandos, cuja atividade consistiu na triangulação de nossos sentimentos, na busca por complementar vivências e experiências sobre a constituição do sentir-se professor-pesquisador. De todas as trocas, elenco o terceiro episódio como um dos mais formativos, pois o processo criativo esteve ancorado em quatro histórias narradas pelo eu, refletidas pelo outro e que agora se converteram em nó(s), emergindo em novos elementos para uma rica composição professoral.

Importa dizer que **nosso lugar de fala é a sala de aula**, embora não seja o lugar em que todos estão hoje, é nesse espaço vivo de formação e (auto)formação que nos identificamos, ao ponto de nos sentirmos professores-pesquisadores. Nesse cenário de aprendizagens plurais, a sala de aula figura entre nossos relatos (auto)biográficos como espaço de afeto, relações, descobertas, anseios, realizações e projeções.

Foi e é no espaço educativo que nos percebemos professores... A sala de aula, independentemente do nível de ensino tratado nas cartas, compôs as nossas maiores experiências, seja na condição de aluno ou de professor. É inclusive, a sala de aula e o espaço educativo que nos unem nesse exercício de escrita de si, pois a pós-graduação *stricto sensu* em Ensino Tecnológico esteve presente em todos os registros (auto)biográficos, reiterando a consciência do inacabado e a necessidade de estar sempre aprendendo a aprender. É no âmbito da pós-graduação também que nos reconhecemos enquanto autores-atores da própria história, aprendendo a dialogar entre-tempos no mo(vi)mento de formação e (auto)formação. (Fragmento triangulação, 2022).

Dado o lugar de fala, nos apresentamos como professores-pesquisadores e a esse conceito atribuímos diferentes características. Entre o dito e o não-dito e o experiente e o não-experiente, inferimos que o conceito em destaque emerge do sentir-se professor-pesquisador; da ideia de professor-pesquisador em diferentes espaços educativos; dos estudos sobre a tendência de professor-pesquisador; do professor-pesquisador que enxerga pesquisa em tudo; de pesquisar a própria prática profissional; de caminhar mesmo na incerteza; da consciência da incompletude; e principalmente, do reconhecimento que esse conceito é polissêmico.

Ao verbalizarmos nossas impressões sobre o narrado pelo outro, mesmo que ainda, ancorados em nossas convicções compreensões de mundo, somos conduzidos a um espaço de novas dissociações, posto que embora, tenhamos percursos formativos similares ou atuemos em espaços físicos professorais similares, ainda assim, nos constituímos diferentes.

Enquanto distanciamentos, observamos o estilo de escrita, cuja singularidade deve ser amplamente respeitada, especialmente, porque o querer narrar e o como narrar é um movimento que carece de liberdade para naturalizar-se, visto que é contando nossas próprias histórias que efetivamente, assumimos uma identidade. **Ao ler as cartas uns dos outros, identificamos especificidades próprias de cada um...** o cruzamento de poemas e metáforas, a escolha do repertório de autores, a forma de apresentação (ou não) dos episódios narrativos, a inspiração criativa em brincar com as palavras, dentre outras características que são nossas e nos fazem ser quem somos, de modo que o contato com outras cartas nos (e)levou ao exercício de (re)pensar sobre a escrita-primeira e dialogar conosco mesmo na consciência de que há diferentes meios de compor uma carta (auto)biográfica e, principalmente, que **nossa história pode mesmo ser instrumento de empoderamento e formação para outros.** (*Fragmento triangulação, 2022*).

Retomo o quanto essa atividade em grupo trouxe elementos basilares para a defesa da escrita (auto)biográfica, tendo em vista os acréscimos formativos desenvolvidos ao longo da atividade. Desde o processo de composição da escrita-primeira, até mesmo a consciência de que nossa história pode ser instrumento de libertação para outros, reunimos saberes que por vezes não são incentivados no âmbito da Pós-graduação, ainda tão presa na elaboração de artigos científicos, estado da arte e longos seminários enquanto avaliação das disciplinas obrigatórias do curso.

Por fim, todas as atividades anteriores foram pensadas pelo docente para nos preparar para atividade final que consistia na **carta unitária** – um documento que expressasse as vivências, experiências e sentimentos da turma inteira, sendo um grande desafio orquestrar os escritos e de fazer com que cada colega de turma se visse na carta final. Após longas conversas via tecnologia digital, elegemos representantes e exercitamos mais uma vez a triangulação, só

que dessa vez, com uma quantidade maior de guar(dados) cedidos e contidos nas cartas (auto)biográficas dos demais estudantes.

Por se tratar de múltiplas vozes, bem como a incumbência de publicizar esta carta unitária em formato de *ebook*, não registraremos aqui seus fragmentos. Mas, de modo geral, no documento final da disciplina congregamos nossas impressões acerca da experiência da escrita de si, em especial, da escrita em primeira pessoa, cujo grau de dificuldade em decorrência da experiência formativa no âmbito da graduação foi opinião consensual entre os estudantes. Além disso, convergimos na consciência de que o sentir-se professor-pesquisador, por mais que se apresente de diferentes maneiras dada a polissemia do conceito, é um construto que está em constante modificação, não apenas no aspecto teórico do termo, mas também na compreensão de cada indivíduo autor-ator que atuou neste processo de escrita de si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contar de si por intermédio das cartas (auto)biográficas resguarda múltiplos saberes que podem contribuir na formação de mestres e doutores no âmbito da Pós-graduação. Na experiência aqui contada e na literatura em Pesquisa Narrativa, corroboramos com o sentimento de que a escrita de si deve ser encorajada e alavancada em nossos processos formativos, independentemente do nível de ensino.

Na sequência de atividades propostas pela disciplina de “Dimensões Paradigmáticas de Pesquisa e suas Tendências Investigativas no Ensino” do PPGET/IFAM fomos imbuídos do desafio da escuta de si, do outro e dos outros, articulando nossas histórias singulares com as histórias coletivas e construídas ao longo das aulas, identificando sentidos e atribuindo novos olhares sobre o narrado. Sem dúvidas, o movimento de escrita de cartas (auto)biográficas nos permitiu o gerenciamento de nossas vivências e experiências, sobretudo por convidarmos ao cerne do debate, os nossos sentimentos, cuja notação é sempre diluída entre a poeira cinzenta da universidade, que por vezes, nos grita a opressão e a maquiagem de nossos mais singelos modos de sentir, de ver e de compreender as intensas e calorosas discussões propostas pela academia.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Bruna.; PEREIRA, Mariza da Costa.; FALCÃO, Giovana Maria Belém. Identidade de professores iniciantes: trajetórias formativas à luz de cartas narrativas. **Colloquium Humanarum**, [S. l.], v. 17, p. 295–307, 2020.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza.; MORAIS, Joelson de Sousa.; ALVARENGA, Juliana Godói de Miranda Perez.; OLIVEIRA, Liliam Ricarte de. Acompanhamento em "pesquisafomação". Experiências de orientação coletiva e escrita narrativa (auto) biográfica. **Márgenes Revista De Educación De La Universidad De Málaga**, v. 1, n. 3, p. 326-343, 2020.

BOLIVAR; Antonio.; DOMINGO; Jesús.; FERNANDEZ, Manuel. **La investigación biográfico-narrativo en educación: enfoque y metodología**. Madrid: La Muralla, 2001.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Biografia, identidade narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. **Horizontes Antropológicos [online]**, Porto Alegre, v. 9, n. 19, p. 283-302, 2003.

CONNELLY, Michael F.; CLANDININ, Jean D. *In*: LARROSA, Jorge. (Org.). **Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación**. Barcelona, E: Laertes, 1995. p.11-51.

CORRÊA, Nayara Cristina Bagatin.; FERREIRA, Jacques de Lima.; LIECHOCKI, Brígida Karina. História de vida e formação de professores: uma pesquisa do tipo estado da arte. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, MG, v. 11, n. 00, p. e020024, 2020.

DELORY-MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 133-147, 2016.

FEITOSA JÚNIOR, Edson Castelo Branco.; GONZAGA, Amarildo Menezes. Uma experiência com cartas autobiográficas. **Educitec - Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico**, Manaus, v. 5, n. 11, p. 297-307, 2019.

GONZAGA, Amarildo Menezes.; PONCIANO, Nilton Paulo. Pesquisa biográfica em educação: formação como estudo com pessoas. *In*: GONZAGA, Amarildo Menezes.; PONCIANO, Nilton Paulo. **Conversando sobre formação de professores: experiências biográficas como territórios de práticas pedagógicas**. Manaus, IFAM/CMC, 2022. p. 8-21.

GOODSON, Ivor F. **Narrativas em Educação: a vida e voz dos professores**. Porto: Porto Editora, 2015. (Coleção Educação e Formação).

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Revista Educação**, Porto Alegre/RS, v. 3, n. 63, p. 413-438, set./dez. 2007.

Larrosa, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

NEGRÃO, Felipe da Costa. A constituição do sentir-se professor e a inteireza de si: tecituras (auto)biográficas. *In*: GONZAGA, Amarildo Menezes.; PONCIANO, Nilton Paulo. **Conversando sobre formação de professores: experiências biográficas como territórios de práticas pedagógicas**. Manaus, IFAM/CMC, 2022. p. 35-51.

NÓVOA, Antonio. Carta a um jovem investigador em educação. **Investigar em Educação**, Porto, Portugal, n. 3, p. 13-22, 2ª série, 2015.

OLIVEIRA, Caroline Barroncas de; COSTA, Mônica de Oliveira.; GONZAGA, Amarildo Menezes. A escrita de cartas e a autoformação docente na educação em Ciências. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 6, n. 10, p. 82013–82019, 2020.

PASSEGGI, Maria da Conceição Botelho Sgadari. A experiência em formação. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. **Roteiro**, Joacaba, v. 41, n. 1, p. 67-86, jan./abr. 2016.

SANDIN ESTEBAN, Maria da Paz. **Investigación Cualitativa en Educación: Fundamentos y tradiciones**. Madrid: MCGRAW-HILL INTERAMERICANA, 2003.

SOUSA, Maria Goreti da Silva.; CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, [S. l.], v. 33, n. 2, 2015.

SOUZA, Fátima Maria da Rocha. **Armadilhas do tempo: fios de uma teia poética**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2016.

VIEIRA, Juliana.; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Pesquisa formação narrativa (auto)biográfica e a escrita de cartas como modo de dizer-se. **Crítica Educativa**, Sorocaba – SP, v. 6, 2020.